

MEMÓRIAS DO BAIRRO PITO ACESO E AS HISTÓRIAS NÃO ESCRITAS: Itapagipe – MG

Memories of the Pito Aceso neighborhood and unwritten histories: Itapagipe - MG

Maria Rita de Jesus Barbosa²⁴

Resumo:

O nome do Bairro, Pito Aceso, faz parte dos territórios e lugares que são demarcados pelos moradores da cidade de Itapagipe-MG. Conforme a professora Raquel Rolnik, a ideia de território como espaço vivido, e não só um espaço geográfico delimitado, mas um espaço apropriado e constituído por relações sociais, por relações culturais. Aquelas imediações tiveram alguns nomes oficiais, que procuraram desvincular da memória dos moradores o nome que escolheram para o lugar, Pito Aceso, onde construíram seus barracos e casinhas de pau a pique, em meados da década de 1970. Em um espaço de fronteira entre a cidade e o campo, formou-se o bairro periférico do Pito Aceso, composto majoritariamente por uma população pobre e negra.

Palavras-chave: História, Memória, Oralidade, Itapagipe, Bairro Pito Aceso.

Abstract:

The name of the neighbourhood, Pito Aceso, is part of the territories and places that are demarcated by the residents of the city of Itapagipe-MG. According to the professor Raquel Rolnik, the idea of territory as lived space, and not just a delimited geographic space, but a appropriated and constituted space by social and cultural relations. Those surroundings had some official names, with the purpose to untie from memory of the residents the name which they chose for the place, Pito Aceso, where they built their shacks and simple houses of wattle and daub, by mid 1970s. In a space between the city and the field, formed the peripheral neighbourhood of Pito Aceso, overwhelmingly composed of a black and poor population.

Keywords: Memory, Itapagipe, Pito Aceso.

²⁴ Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre pela Universidade Federal de Uberlândia. O artigo é um recorte de minha tese doutorado, defendida em fevereiro de 2024, pela PUC/SP, com o apoio financeiro da Capes. Link para Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2158313331815695>, <https://orcid.org/0000-0002-2707-4013>.



INTRODUÇÃO - O BAIRRO PITO ACESO

A Comunidade Urbana do Pito Aceso originou-se devido a expulsão da população pobre das fazendas do município, na década de 1970. A maior parte dessa população que morava no campo e fora expulsa, vivia na região rural do Douradinho, sem condições para adquirir moradia própria na cidade. Essas famílias ocuparam um terreno da Prefeitura, às margens de Itapagipe e começaram a construir suas casinhas de pau a pique, dando origem ao bairro Pito Aceso.

O Pito Aceso como um lugar, compõe uma referência importante para a memória dos sujeitos itapagipenses, não somente para aqueles que vivem no espaço do Bairro, assim como para os moradores de outros bairros da cidade de Itapagipe. Mas, existe a diferença na representação do bairro Pito Aceso, entre os moradores que se identificam com aquele território, e os habitantes dos outros espaços da cidade. A diferença é marcada pelo espaço geográfico do bairro, no entanto, vai muito além dele, a sociabilidade, os festejos, as formas de trabalho coletivo, que os próprios moradores desenvolveram entre si. A cultura comunitária constitui uma característica identitária, mantida entre os moradores, produzindo uma imagem de coletivo somado aos poucos recursos econômicos e a cor da pele.

Para escrever histórias que a história oficial local de Itapagipe-MG não registrou, analisei a documentação escrita encontrada, escarafunchada nas instituições públicas do município. As fontes escritas, angariadas com uma certa dificuldade, são, principalmente, sobre o antigo Bairro do Pito Aceso e sua população, achados nos arquivos institucionais da cidade. Assim foi possível compreender como essa história oficial, a história dos vencedores se construiu e continua a ser reproduzida nos espaços públicos, nas escolas, nas homenagens póstumas, considere que não há uma única história da cidade a ser contada e



registrada. Para contar outras histórias, importa antes conhecê-las, buscar pelas vozes silenciadas, ouvir as histórias não contadas, e registrá-las. Para os registros dessas histórias compartilhadas pelos moradores do bairro Pito Aceso, utilizei na pesquisa os métodos de pesquisa da História Oral.

Segundo Escobar (2005), existe um domínio do espaço sobre o lugar, o espaço como um dispositivo voltado para a presença do capital atrelado ao processo de globalização. O lugar como uma experiência de localidade específica, com um enraizamento, conexão com o cotidiano. Essa definição do conceito de lugar, utilizada para dar sentido a uma experiência de localidade específica, com um grau de enraizamento, com conexão ao cotidiano, vem sendo fundamental.

É importante considerarmos que o estudo da chamada história local, em sua “totalidade”, pode concorrer para análises generalizadoras, podendo contribuir para que certos comportamentos de atores ou de parcelas específicas de segmentos sociais, sejam associados de modo a serem extensivos a todas as relações dos grupos sociais envolvidos. O que é possível analisar a partir das distintas narrativas locais sobre o bairro Pito Aceso e os seus moradores. Essas narrativas locais não são apenas orais, mas estão presentes na documentação escrita encontrada nos Arquivos do Poder Público Municipal, tanto no executivo como no legislativo.

Para parte dos moradores de Itapagipe, em especial aqueles que habitam a região central e os bairros de elite, o bairro do Pito Aceso foi e continua sendo descrito como um território de população pobre, preta, e por vezes violenta, desajustada e perigosa, em especial nas falas informais dos não moradores do Bairro. Essa narrativa de violência, conferida aos moradores do bairro Pito Aceso, integra a construção de um pensamento elitista de grupos com poder econômica e visibilidade social na cidade de Itapagipe-MG. Documentos escarafunchados nos arquivos locais e falas dos nossos colaboradores, exploradas



mais adiante nesta tese, confirmam a existência dessa narrativa na cidade, procurando vincular os moradores como, naturalmente, violentos e o território do Pito Aceso como perigoso.

O Pito Aceso passou a ocupar um certo prestígio na política local em meados de 1990, essa visibilidade é comum no período eleitoral, principalmente, nas eleições municipais, os candidatos e os políticos sabem que muitos moradores convivem, diariamente com dificuldades econômicas. Algumas famílias enfrentam insegurança alimentar, enquanto o poder público se ausenta, ou quando seus representantes aparecem agindo como se estivessem fazendo favor aos moradores, colocando muitos em situações de vulnerabilidade, tornando o espaço do bairro Pito Aceso e muitos dos moradores à mercê do assistencialismo de políticos que ganham com a exploração da pobreza. O Pito Aceso vem se tornando um lugar para os candidatos fazerem “caridade” e assim vencerem as eleições municipais.

Mas, fora do contexto de eleições, o Pito Aceso volta a ocupar nas narrativas de muitos itapagipenses, integrantes dos grupos econômica e socialmente privilegiados, como um lugar habitado por gente pobre, bagunceira, briguenta e até mesmo que não gosta de trabalhar. As festas, comemorações e outros eventos que ocorriam no bairro e continuam a ocorrer, mesmo os churrasquinhos de fim de semana, tornam-se sinônimos de bagunça, briga e preguiça, nas descrições dos moradores das áreas centrais da cidade. Essa tornou-se a tônica das narrativas sobre o lugar, bairro Pito, e as pessoas que lá habitam.

AS REFORMAS DA CIDADE E OS DESEJOS DE APAGAMENTO

A reestruturação do espaço urbano da cidade de Itapagipe ignorou, parte do território do Pito Aceso em 1987, o bairro dos pobres e negros. Nesse ano, o então prefeito Gilberto Queiroz, iniciou as primeiras intervenções no bairro com



a construção “de casas populares”, como descreve o documento encontrado nas fontes do Arquivo da Câmara Municipal. A substituição dos barracos e casas de pau a pique pelas casas de alvenaria representou, para os governantes municipais, não somente o progresso material da cidade, mas estava atrelado a uma higienização moral daquele território, combinado ao apagamento cultural dos sujeitos.

O processo de apagamento físico dos territórios negros da cidade, esteve combinado com um memoricídio articulado pelos grupos que detém o poder econômico e político no município. Nos espaços públicos reservados como, Casa de Cultura, Biblioteca Municipal, responsáveis pela manutenção da memória da cidade, não há referência a população pobre e negra da cidade, sobre o bairro Pito Aceso emerge um total silenciamento, lugar para ser esquecido, apagado da memória.

Os moradores do Pito Aceso²⁵, testemunharam tentativas de apagamento do Bairro, não somente física, assim como mudança do nome, como uma estratégia descaracterização da história daqueles moradores, a partir da segunda metade da década de 1980, o Pito Aceso, tornou-se a Cohab, com a construção de casas de alvenaria naquele local. Posteriormente renomeado como Cohab I, II e III.

Desde que foi fundado os moradores do bairro Pito Aceso presenciaram o descaso com seus espaços de convivência e festejos, sendo vilipendiados, descritos em narrativas orais como espaços mal frequentados, violentos, até desaparecerem por completo do espaço urbano da cidade de Itapagipe, como o que ocorreu com o Salão de Festa do Pelé. Atualmente no barracão, lugar onde

²⁵ Conforme o projeto de Lei nº 15/81, apresentado pelo vereador, para mudança do nome Pito Aceso, utilizado pela população do lugar, o Bairro deveria passar a se chamar Alvorada. Conforme fontes documentais encontradas houve várias tentativas de renomear o local, Vila da Saudade, Bairro Alvorada, Cohab, atualmente, foram realizadas subdivisões no Bairro e cada espaço recebeu um nome diferente. Mas, na memória dos moradores, memória esta que vem sendo compartilhada entre as novas gerações, o Bairro continua a ser chamado pelos moradores do lugar de Pito Aceso, inclusive, por sujeitos não moradores.



ocorreriam forrós semanalmente, por um período de mais de três décadas, existe uma oficina mecânica. E o salão da Cohab, outro espaço de convivência da população do Pito Aceso, deixado ao abandono pelo poder público municipal, até que em 2013 a prefeitura demoliu o barracão. O que tomou o lugar do barracão da Cohab, espaço de festas, danças e convivência dos moradores do Bairro? Parte do terreno havia sido, anteriormente, ocupado pela construção da igrejainha²⁶ de Santa Rita de Cássia.

O crescimento urbano da cidade de Itapagipe seguiu uma lógica de exclusão de alguns espaços e de suas populações. No diálogo da documentação escrita com as fontes orais, procura-se perceber a dinâmica de expropriação de determinadas populações do espaço central da cidade de Itapagipe. Em 2017, durante uma entrevista com um funcionário da prefeitura²⁷, o senhor Mário Lúcio, foi possível conhecer o pensamento dominante da população da cidade sobre o território do bairro Pito Aceso e seus moradores. Na sua fala, o senhor Mário Lúcio descreve que eram as pessoas que foram tomando posse dos terrenos pertencentes a prefeitura: *“O local que hoje estamos falando, foi um local invadido por pessoas carentes, pessoas de muita pobreza, pessoas até de cor mais escura e criou um bairro que chamou de Pito Aceso”*. (Entrevista Oral, senhor Mário Lúcio, 2017). Como o nosso colaborador evidencia em sua fala, a classe e a raça/cor sinalizam como duas características indissociáveis dos ocupantes daquele território que se formou como o Pito Aceso.

A professora Márcia Lima (2012), aponta, em seus estudos, a importante relação entre desigualdades raciais, pobreza e segregação urbana. Em seus estudos destaca a discussão sobre raça e pobreza, como a alta concentração de pretos e pardos nas áreas mais pobres. Segundo Lima, “[...] a definição mais

²⁶ A igreja de Santa Rita de Cássia construída e concluída no começo da primeira década do século XXI, em um pedaço do terreno onde localizava o Barracão do Cohab, passou a ser chamada pelos moradores de Itapagipe de Igreja Matriz, em comparação a Igreja Matriz, que se localiza no centro da cidade e sua construção é incrivelmente maior que a igreja de Santa Rita de Cássia.

²⁷ Queiroz, Mário Lúcio. Entrevista realizada pela própria pesquisadora. Itapagipe, fev. 2017.



genérica de segregação residencial é o grau de aglomeração de um determinado grupo social/étnico em dada área” (LIMA, 2012, p. 237). Os espaços analisados na seção seguinte são caracterizados pela forte predominância da população negra e pobre.

O bairro do Pito Aceso foi ou é um território racial e economicamente segregado? Segundo o senhor Mário Lúcio, explica durante a entrevista, com o desenvolvimento da cidade foram surgindo diferenças, como os tipos de construções, os valores dos imóveis, a infraestrutura da cidade teria privilegiado outros bairros da cidade. A segregação física do território dos pobres e pretos da cidade de Itapagipe parece compor um projeto político, quando analisamos a fala do senhor Mário Lúcio.

Fontes documentais encontradas nos Arquivos Municipais, como convênios para construção da rede de esgoto no Bairro (1995), contratos para construção de ponte sobre o Córrego Lageado, para acesso dos moradores do Pito Aceso ao outro lado da cidade (1995), contrato para construção de rede elétrica no Bairro (1993). Através desses e de outros documentos que não citei, é possível ponderar que os moradores do Pito Aceso passaram a usufruir desses serviços públicos tardiamente, pois conforme outras fontes documentais e os relatos de entrevistados, serviços como pavimentação das ruas, rede elétrica, faziam parte da vida dos moradores dos bairros centrais da cidade muito antes dos anos citados acima. Um morador do Bairro, conhecido como Bandaiá, colaborador desta pesquisa, conta como era a vida sem energia elétrica.

A gente morava ali no Pito Aceso, a gente não tinha televisão, a gente ia na casa dos zotos assistir TV, novela, aquele Pantanal é mais antigo que tudo, e hoje tá voltando. A gente assistia aquele Pantanal era na casa de um rapaz que morava pra baixo do Pito Aceso, para baixo tudo tinha energia, no resto tudo tinha energia, no Pito chegou bem depois (Entrevista Bandaia, jul. 2022).

Documentos encontrados nos Arquivos do Executivo, referentes ao ano de 1995, corroboram com a existência de fossas sanitárias no bairro do Pito Aceso, Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X



não sendo a realidade de outros bairros de Itapagipe no mesmo período. Informação confirmada pela fala do senhor Mário Lúcio, durante a nossa conversa, relatando sobre as dificuldades que as famílias moradoras do Pito Aceso enfrentavam, entre elas estava a falta do esgoto sanitário.

Outra questão relevante, nos documentos oficiais encontrados e analisados, é o termo utilizado para se referir à população moradora daquela região, nomeada de “famílias carentes”, em oposição às “famílias conhecidas”.²⁸ A condição de famílias carentes para a população do bairro Pito Aceso, surge na documentação escrita como inerente as pessoas que vivem naquele território. A representação dessa população ao longo dos anos esteve atrelada aos conceitos de pobreza, carência, violência, negritude, estando vinculada a ausência, a diferença, a anomia.

Recentemente, o tema sobre o restante do terreno, onde localizava o antigo salão de Festa da Cohab, voltou ser tema nos meios de comunicação da Prefeitura Municipal de Itapagipe, misturado mais uma vez a política local, coincidindo também com a proximidade das eleições estaduais. Esses episódios nos remetem a uma prática corriqueira no interior do Brasil, mas que data de quase 100 anos. No período da Política Café com Leite²⁹, a troca de favores entre os políticos locais, os coronéis, que mantinham uma política de favores entre eles e os políticos, ocupantes de cargos estaduais e federais. Esses coronéis locais

²⁸ O conceito de famílias conhecidas era utilizado pela Secretária de Cultura do Município no período (2017-2020), para se referir as famílias com poder econômico e político no município, famílias essas apresentadas no livro *Nossa História* como responsáveis pela formação e desenvolvimento do município. Durante o período de fevereiro a junho de 2017, quando realizei pesquisas nos documentos da Casa da Cultura, local de trabalho da secretária de Cultura, ela sempre se referia a essas famílias ou integrantes delas como “pessoas ou famílias conhecidas.”

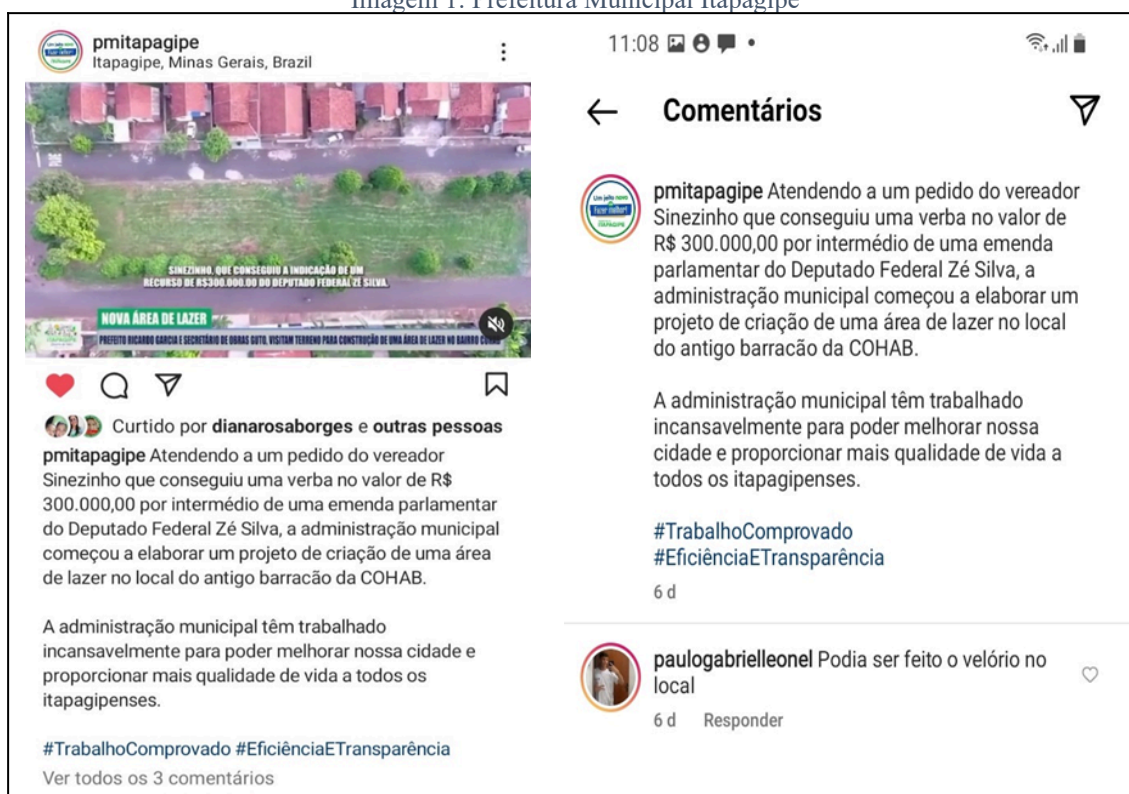
²⁹ A Política brasileira na virada do século XIX e início do XX foi caracterizada pela “política dos governadores” que atuaram em todo período republicano até 1930 pelo menos nos discursos. A Constituição de 1891 tinha o objetivo político moldado no modelo estadunidense de República, procurando eliminar o centralismo instaurado na monarquia brasileira e deixando uma borda de ação dos Estados. A política dos governadores pendurou toda a 1ª República, o que perfaz haver máquinas de controle, principalmente em períodos eleitorais quando as alianças traçadas entre governadores e demais polos decidiam o vencedor das eleições. Os resultados dependiam das alianças das principais forças de São Paulo e Minas Gerais que se alternaram no poder. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/3065/1871>. Acesso em 19 set. 2022.



garantiam a vitória de seus candidatos apadrinhados com o seu poder econômico, seja pela intimidação das populações mais vulneráveis, que dependiam da “bondade” de seus coronéis, ou pelas fraudes eleitorais. Com o poder econômico e político, esses coronéis formavam os chamados currais eleitorais.

Os políticos, sejam locais ou regionais, em períodos eleitorais voltam seus cuidados e atenções para o antigo bairro do Pito Aceso, enxergando nesse local a possibilidade de conseguir um número expressivo de votos. É bom marcar que o barracão foi demolido em 2013. Com a proximidade das eleições estaduais, o barracão da Cohab, demolido em 2013, volta a ser tema de campanha eleitoral, em Itapagipe.

Imagem 1: Prefeitura Municipal Itapagipe



Fonte: Prefeitura Municipal de Itapagipe³⁰

³⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CbVQgoUDsWB/?utm_medium=share_sheet. Acesso em: 20 março 2022. Nota: Anúncio de verba, que segundo informações, constante nos meios de comunicação da prefeitura, será destinada para construção de área de lazer no terreno onde se localizava o antigo salão da Cohab.



Outra questão que chama atenção na postagem, feita pela Prefeitura Municipal de Itapagipe, remete ao comentário de um itapagipense, “Podia ser feito o velório no local.” O comentário é curto, mas carregado de significados e representações. Seria o sujeito morador do bairro? Em caso positivo, a sua opinião expressaria a vontade de todos os moradores? Segundo as informações na matéria, postada pela prefeitura de Itapagipe, o dinheiro deve ser investido em um projeto de lazer.

Mas, não sendo o sujeito um morador da Cohab, poderíamos pensar em outras questões para a afirmação feita no comentário da postagem, sobre qual o destino do dinheiro. Qual o imaginário ainda persiste na população da cidade, sobre os moradores do antigo bairro do Pito Aceso? Por que o espaço de convivência dessas pessoas precisa ser ocupado pela religião ou por uma rotina que se enlace com a dor da morte? Talvez somente essas perguntas não deem conta da complexidade das relações entre a população central da cidade de Itapagipe e os moradores do antigo Pito Aceso, mas através delas é possível ter alguma compreensão dessa dinâmica de significados e representações, construídas e reafirmadas no coletivo popular da cidade.

OS ESPAÇOS E OS PERSONAGENS DE UMA HISTÓRIA NÃO ESCRITA

Conforme Raquel Rolnik (2003), grande parte de nossas cidades são construídas pelos próprios moradores, em áreas ocupadas ou adquiridas de loteadores ilegais. É mais fácil compreender que as cidades são divididas em cidade formal, destinada a grupos privilegiados e esses espaços merecem toda atenção em investimentos de infraestrutura do setor público-privado, e do outro lado temos a cidade real, segregada e excluída da cidade formal, território daqueles que vendem sua força de trabalho. Ao inserirmos o bairro Pito Aceso



nessa lógica de cidades divididas, segundo Rolnik, ele ocupa em Itapagipe o espaço da cidade real, pois seus moradores são compostos por trabalhadores braçais, como servidores públicos que trabalham na limpeza, diaristas, trabalhadores domésticos e funcionários de usinas.

A História Oral foi empregada como metodologia para a pesquisa da qual resultou esse texto, ela possui uma relação direta com o tempo presente. A história oral permite manifestar-se publicamente contra os silenciamentos promovidos pela historiografia escrita de uma história, predominantemente, branca e elitista. Para a historiadora Marta Gouveia Rovai, a história oral é mais que uma metodologia, é um processo dialógico, político, interpretativo, onde nos entreouvimos.

Para ter acesso a Outras Histórias do bairro Pito Aceso, escolhi como caminho metodológico a História Oral, possibilitando-me alcançar vozes que não foram escutadas, histórias não contadas e memórias esquecidas. São pessoas que acreditam que suas vozes e histórias não são importantes o bastante para serem ouvidas, que ninguém se interessa por aquelas histórias de gente pobre, gente preta, que não possuem os nomes dos seus antepassados nomeando ruas e avenidas das cidades, ou recebendo homenagens públicas. O que talvez, possa explicar algumas dificuldades que enfrentei, inicialmente, com alguns entrevistados, porque muitos se esquivavam de participar, acreditando que não tinham nada a dizer, que poderia ser importante para mim, uma mulher branca, professora, querendo saber da vida deles.

Os colaboradores³¹ foram escolhidos entre moradores do Antigo Bairro Pito Aceso, atualmente, Cohab, através dessas entrevistas e diálogo com esses homens e mulheres, que estiveram à margem da história oficial de Itapagipe foi-se construindo pontes com as outras fontes, sejam elas bibliográficas ou

³¹ O conceito colaborador é sinônimo de entrevistado, tendo sido utilizado, principalmente, por José Carlos Meihy referindo-se aos entrevistados. Nesta pesquisa é possível encontrar colaborador, e também narrador ou contador de história, estes últimos atribuídos a Portelli.



documentos escritos, houve a necessidade de ampliar essas entrevistas para outros espaços desta pesquisa.

Os nossos colaboradores são homens e mulheres com idade superior a cinquenta anos, moradores da Comunidade Urbana do antigo Bairro do Pito Aceso, posteriormente transformada em Cohab 1, 2 e 3. Atualmente, o território do Pito foi desmembrado e rebatizado em 2016, pela prefeitura de Itapagipe, o antigo Bairro foi dividido em quatro regiões e ganhou nomes que procuram homenagear fazendeiros que possuem terras na proximidade do Bairro. Os colaboradores entrevistados possuem uma forte relação com o lugar, Bairro do Pito, as suas festas e tradições mantêm a coesão dos moradores, estes possuem relações estreitas com os moradores da Comunidade Rural do Douradinho.

Os moradores do Pito Aceso que emprestaram as suas vozes e contaram Outras Histórias, colaborando com a pesquisa foram cinco. Os ex-proprietários de um Salão de Festa, localizado nas proximidades do Bairro e local frequentado pelos moradores, o senhor Pelé e Dona Ivone. A cantora Inêz Ramos, o senhor Alcides, catador de papelão nas ruas da cidade e Bandaia, sobrinho de Inêz Ramos com a qual manteve uma banda musical, durante longos anos, a Banda Ivaneza. A última entrevistada, mas não menos importante, foi Dona Izaltina Benzedeira.

D. Zaltina Benzedeira, teve medo de que minha presença em sua casa fosse para conhecer o Centro religioso que construiu no fundo da sua residência e assim denunciá-la. Ela mora há mais de 50 anos no mesmo lugar, no antigo Pito Aceso, hoje sua casa é de alvenaria, mas segundo ela, morou por muitos anos em uma grande casa de pau a pique.

Fotografia da antiga casa de Dona Izaltina



Fonte: Cedida pela participante da pesquisa, durante nossa entrevista.³²

O senhor Pelé e sua esposa Ivone, foram proprietários de um salão de festa inaugurado em 1985, na região do Pito Aceso, o mantiveram até 2014, quando por questões de saúde não foram mais capazes de organizarem os forrós e shows para a população.

No decorrer da entrevista com Dona Ivone e o senhor Pelé, pergunto sobre os moradores dos bairros centrais e mais ricos da cidade dizerem que não frequentavam o Forró do Pelé porque era perigoso, como eles classificavam aquelas falas?

A gente achava ruim, porque não era daquele jeito que o povo falava, aquilo lá era gente que queria ir e era muito orgulhosos, se sentia muito ele, por exemplo ou ela não achava que podia estar no meio daquele povão (Entrevista, Dona Ivone, 21 out. 2021).

A fala de Dona Ivone expõe essas divisões existentes nas cidades que são demarcadas nos espaços geográficos, nos espaços de lazer, na simbologia das falas. A relação de poder que se encontra nos espaços urbanos atuais, demonstra ser cada vez mais complexa, existindo uma forte relação entre a geografia das

³² Acesso: jan. 2023, foto de 1998. Descrição: Casa de pau a pique, antiga residência de D. Izaltina no bairro do Pito Aceso.



idades e as relações de poder. Wacquant (2004), afirma que a favela sofre dupla rejeição, da classe média branca, baseando-se na classe e cor dos seus moradores. No entanto, a favela e o gueto são compreendidos pelo autor como criações brancas, mantidas pelos brancos e ao mesmo tempo condenadas por eles.

A entrevista com Luismar, conhecido popularmente como Bandaia, nos ajuda a entender parte da realidade de alunos negros e pobres, moradores do Bairro Pito Aceso, que chegaram a ter acesso às escolas da cidade de Itapagipe, na década de 1980. Ele é um homem negro, com aproximadamente 50 anos, morador do antigo bairro Pito Aceso. “[...] os meninos falavam neguinho, nego do Pito Aceso, falava e ria, mas isso tinha pra todo lado. Mas, isso aí tem pra todo lado, em outras cidades também tem isso.” (Bandaia, jul. 2022).

A história da população negra da cidade de Itapagipe, principalmente os moradores do bairro Pito Aceso, está vinculada a um passado de desenraizamento, em relação a sua presença e de seus antepassados na história oficial do Município. A participação da população negra foi e continua sendo silenciada. O bairro negro da cidade, teve em alguns períodos da história local, sua existência negada.

HISTÓRIA LOCAL

O livro, Nossa História (LIMA, 1991 ou 1992), tornou-se referência na divulgação da história da formação e construção social, cultural, econômica e política do município. O livro foi escrito por Jurani Gonçalves Lima, uma mulher que teve acesso à educação formal e formação acadêmica, em um momento que o acesso à educação superior era regalia de um seleto grupo de privilegiados, casou-se com um fazendeiro local, sendo ela também herdeira de terras no município.

Na sua narrativa, o livro privilegia um grupo específico na formação e construção do município, o grupo branco, chamados pela autora como os



desbravadores, esse é o grupo ao qual Jurani pertence, levando ao sufocamento de outras histórias. É uma história de narrativas de homens brancos, laboriosos, a história daqueles que vencem nas escritas etnocêntricas.

O *Nossa História* escrito e publicado por Jurani, é utilizado como obra de referência nas escolas de educação básica do município, para o ensino e estudo da história local de Itapagipe. A história escrita nas páginas do *Nossa História* se reproduz nos espaços públicos, a exemplo da Casa de Cultura, e é ajudada por uma memória de grupos dominantes, memória esta que é reatualizada em eventos públicos, documentos oficiais do Município, fotografias, utensílios, vestimentas. Essas memórias físicas dos grupos desbravadores comungam com uma narrativa oficial da fundação e desenvolvimento de Itapagipe.

Em uma passagem do livro *Nossa História*, a autora descreve sobre a participação social dos grupos humanos na formação da cidade. “Muitos anos depois, sabe-se que o Sr. Juvenal Carneiro Leão possuía alguns escravos africanos, dos quais supõem ter originado a porcentagem da raça negra presente nos dias de hoje” (LIMA, 1992, p. 27).

Em 2007, é publicado um outro livro sobre o que seria a história de Itapagipe, não é possível dizer quem o escreveu, apenas que assinou, a prefeita municipal, Benice Maia, no período (2005-2007). O livro, *ITAPAGIPE: Lapidando a História 2007*, assemelha-se mais a um livro de biografias a partir de como a própria autora o apresenta, “[...] a homenagem aos construtores da história política de Itapagipe” (MAIA, p. 02, 2007). A obra não acrescenta pesquisas ou fontes sobre a história do município, quando melhor analisada é possível compreender o seu viés a partir de uma tentativa de legitimação do poder local, de um grupo político. Em uma passagem do seu livro Maia (2007) apresenta a biografia de um vereador no período de seu primeiro mandato (2005-2009), e morador do Bairro Pito Aceso. O trecho aponta para algumas questões, mesmo o vereador sendo morador do Pito Aceso, a informação não fica



clara no livro, como o Bairro é descrito, e a apropriação que a ex-prefeita faz de realizações anteriores ao seu mandato no local.

No mesmo ano, 1992, em sua primeira tentativa, foi eleito vereador e com o trabalho realizado no projeto “Pita (*sic*) Aceso” – uma antiga favela confeccionada toda em casa de lonas, em condições obviamente precárias, juntamente com a hoje prefeita, Benice Maia, mudou essas pessoas de lá para melhores acomodações. Em 1996, graças a este trabalho, foi eleito o vereador mais votado (MAIA, 2007, p. 36).

O discurso não é apenas atravessado pelo desencontro de datas e a apropriação de realizações que não foram feitas no mandato da ex-prefeita, mas evidencia a falta de preocupação com a história do Pito Aceso, com os seus moradores. Esse despreço pela História do Bairro e em outros momentos o apagamento, a falta de compromisso com a escrita da história e as memórias dos moradores, não é exclusividade, apenas, da autora do *ITAPAGIPE: Lapidando a História* 2007. Mas, as descrições sobre o Bairro assemelham-se nos demais documentos, escarafunchados nos vários espaços públicos de Itapagipe. O Bairro Pito Aceso vai da omissão a exclusão, que nos fala sobre uma história do poder ou o poder daqueles que escrevem a história.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 443.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 35, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 17 fev. 2023.

DANTAS, Sandra Mara. Do feitio de aldeia aos ares de cidade – a constituição do urbano no extremo oeste de Minas Gerais. **Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Disponível em:



http://www.encontro2010.sp.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=562.

Acesso em: 04 fev. 2023.

_____. Os usos do passado para um futuro inaudito: A produção histórica das cidades do Triângulo Mineiro segundo os órgãos públicos. **Saeculum – Revista de História**, [S. l.], v. 26, n. 44 (jan./jun.), p. 30–43, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n44.57657. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/57657>. Acesso em: 5 fev. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas: história oral aplicada**. – São Paulo: Contexto, 2020.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo. Letra e Voz, 2016.

ROLNIK, Raquel. Lei e Política: a construção dos territórios urbanos. **Projeto História**, São Paulo, (18), mai. 1999.

_____. **É possível uma política urbana contra a exclusão?** Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2008/08/19/e-possivel-uma-politica-urbana-contra-aexclusao/>. Acesso: 16 nov. 2024.

WACQUANT, Loïc. “Uma cidade negra entre os brancos”. Revisitando o gueto negro da América. Tradução de Taís B lauth. **Política & Sociedade: Revista de Sociologia e Política**, vol. 3, n. 5, p. 263-278, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1993/1742>. Acesso em: 16 nov. 2024

FONTES

LIMA, Jurani Gonçalves. *Nossa História*. [1991 ou 1992].

MAIA, Benice. *Itapagipe: Lapidando a história*. Itapagipe: Atual Comunicação, 2007.